

LITERACIA DIGITAL E LITERACIA DA INFORMAÇÃO - COMPETÊNCIAS DE UMA ERA DIGITAL

Ana Loureiro, Dina Rocha

*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
accloureiro@gmail.com , dmgrocha@gmail.com*

Resumo

Ser-se *digitally literate* é fator-chave para se alcançar sucesso. Ser um cidadão com competências ao nível da literacia digital é fundamental. Hoje em dia vivemos na rede e em rede. No entanto, o facto de tudo poder ser partilhado *online* acarreta alguns riscos - tanto para utilizadores como para autores. Situações de usurpação e de plágio podem ser mais frequentes. Assim, ter a capacidade e o discernimento de conseguir pesquisar e seleccionar a informação mais credível é um requisito e uma competência essencial numa sociedade em rede. Neste artigo serão abordados os conceitos de literacia digital e de literacia da informação enquanto competências-chave numa sociedade em rede.

Palavras-chave: literacia digital, literacia da informação, sociedade em rede, aprendizagem ao longo da vida.

Abstract

Being digitally literate is a key factor to achieve success. Being a citizen with skills in digital literacy is essential. Nowadays we are online like 24/7. However, the fact that everything can be shared online carries some risk - both for users and for authors. Cases of theft and plagiarism may be more frequent. Therefore, having the ability and insight to achieve search and select the most credible information is a requirement and an essential skill in a networked society. In this paper we will discuss the concepts of digital literacy and information literacy as key competences in a networked society.

Keywords: digital literacy, information literacy, networked society, lifelong learning.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade em rede (Castells, 2005), numa era de partilha e de colaboração, trazida pelo exponencial crescimento da World Wide Web - em particular a Web 2.0 (e Social Web). A Web 2.0 é entendida como sendo a “*collective intelligence of everyone who uses the web to upload, download, add comments, provide feedback, add tags and actively engage in the creation of new knowledge*” (O’Reilly, 2005).

Os utilizadores deixaram de ser meros e passivos recetores de informação e conhecimento, passando a ser utilizadores ativos e reativos - buscando, criando, partilhando e comentando conteúdos e contextos, contribuindo para uma *mass*

collaboration (Tapscott e Williams, 2008) ou *collective intelligence* (Lévy, 1997) e para uma *wisdom of crowds* (Surowiecki, 2005).

A Literacia Digital e a Literacia da Informação são agora conceitos-chave desta sociedade em rede. Cada cidadão deve possuir competências ao nível da Literacia Digital e da Literacia da Informação.

A importância do acesso, da utilização e da produção do conhecimento científico e académico, inerente ao percurso dos atores envolvidos, no processo de ensino-aprendizagem ao longo da vida, é fulcral na sociedade da informação e do conhecimento.

O tema do acesso à informação credível é algo com que os estudantes, dos vários níveis de ensino se confrontam, perante o volume de informação disponível, sobretudo na web, assim como a diversidade de ferramentas – bases de dados, bibliotecas digitais, plataformas virtuais - desenvolvidas para o seu acesso.

Perante esta realidade, justifica-se uma abordagem científica, sobre a literacia da informação de forma a dotar os intervenientes neste processo de ensino/aprendizagem de competências de pesquisa, de acesso e de seleção da informação.

2. LITERACIA DIGITAL

De acordo com Martin e Ashworth (2004), a Literacia Digital refere-se *“to the awarenesses, skills, understandings, and reflective approaches necessary for an individual to operate comfortably in information-rich and IT-enabled environments”*. É, assim, a capacidade que uma pessoa tem para desempenhar, de forma efetiva, tarefas em ambientes digitais - incluindo a capacidade para ler e interpretar media, para reproduzir dados e imagens através de manipulação digital, e avaliar e aplicar novos conhecimentos adquiridos em ambientes digitais (Jones-Kavalier e Flannigan, 2006).

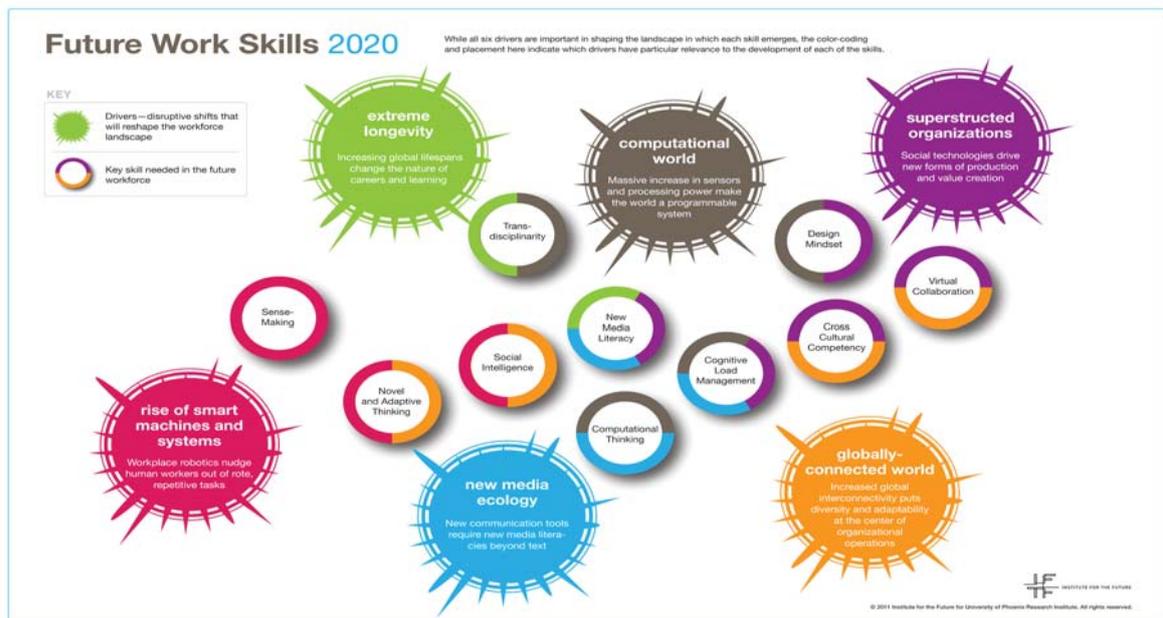
Como nos é referido no site *Miúdos Seguros na Net* [<http://www.miudossegurosna.net>] não é mais do que o *“processo de ensinar e aprender sobre a tecnologia e sobre o uso da tecnologia (...) requer capacidades sofisticadas de pesquisa e processamento da informação (isto é, literacia da informação)”*.

2.1 Competências e Dimensões

Como já referido, na sociedade de hoje em dia, e de acordo com Perán (2010) ,“*Jobs and their skills requirements are constantly evolving. Concepts such as critical thinking, multi-tasking, collaboration and team work are increasingly strategically relevant. E-skills can provide the opportunities to meet these fast-changing requirements of the knowledge-based society and achieve a better position to overpass global competitive challenges*” (In: McCormack, 2010).

Assim, são necessárias pessoas com competências digitais que providenciem determinadas infra-estruturas digitais e também de pessoas com competências digitais para as usar. Desta forma, uma sociedade digital ou em rede – *digitally literate* – é um precursor para uma sociedade baseada no conhecimento - *knowledge-based society*. Esta sociedade, globalmente interligada e com uma forte componente e presença digital, requer competências específicas por parte dos seus cidadãos, tal como se pode verificar pela imagem abaixo representada (cf Imagem 1).

Imagem 1 - *Future Work Skills* (Davies, Fidler e Gorbis, 2011)

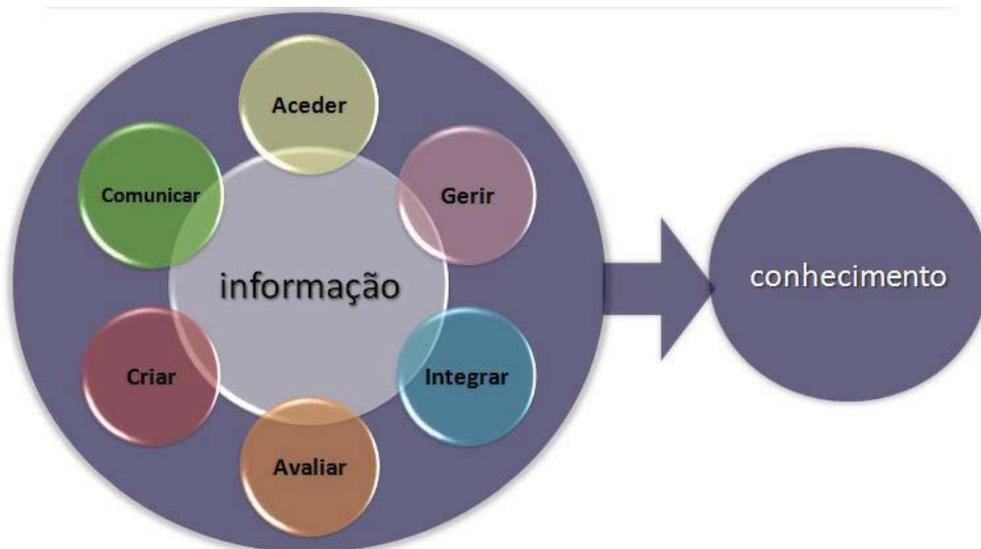


Estas competências de trabalho passam pela transdisciplinaridade, pela inteligência social, pela capacidade de pensamento adaptativo e computacional, pela literacia em novos média, pela colaboração virtual, por competências transculturais, entre outras. Desta forma, ser-se *digitally literate* pressupõe:

- saber como aceder a informação e saber como a recolher em ambientes virtuais/digitais;
- gerir e organizar informação para a poder utilizar no futuro;
- avaliar, integrar, interpretar e comparar informação de múltiplas fontes;
- criar e gerar conhecimento adaptando, aplicando e recreando nova informação;
- comunicar e transmitir informação para diferentes e variadas audiências, através de meios adequados.

Podemos dizer que manipulando a informação da forma acima delineada geramos conhecimento (cf Imagem 2).

Imagem 2 - Informação como geradora de conhecimento



3. LITERACIA DA INFORMAÇÃO

A Literacia da Informação *“abrange o conhecimento das próprias necessidades e problemas com a informação, e a capacidade para identificar, localizar, avaliar, organizar e criar, utilizar e comunicar com eficácia a informação para resolver problemas ou questões apresentadas”* (Declaração de Praga, 2003).

Apresenta-se, assim, como *“the set of skills needed to find, retrieve, analyze, and use information (...) Ultimately, information literate people are those who have learned how to learn. They know how to learn because they know how knowledge is organized, how to find information, and how to use information in such a way that others can*

learn from them. They are people prepared for lifelong learning, because they can always find the information needed for any task or decision at hand" (American Library Association Presidential Committee on Information Literacy, 2010).

3.1 Terminologia

Um dos primeiros aspetos a ter em consideração tem a ver com a terminologia utilizada sobre o conceito, o qual muitas vezes tem implicações nas práticas e atitudes dos próprios intervenientes e até mesmo dos especialistas no tratamento da informação (bibliotecários e outros técnicos), possam ter algumas dúvidas como devem atuar perante este facto. Tal como diz Malheiro (s.d): *"É preciso ainda ter em conta que a assimilação do conceito na prática formativa e cultural dos bibliotecários levou à elaboração de standards, desde os anos 80, a fim de que os utilizadores (estudantes) das Bibliotecas adquirissem boas práticas na busca, uso e citação das fontes procuradas e encontradas nesses espaços próprios dentro do contexto escolar em que desenvolviam as suas actividades. Esses standards e o entendimento subjacente de L.I. na prática biblioteconómica desenharam um conjunto de ideias orientadoras do papel do bibliotecário ainda hoje vigentes quer no seio das Universidades, quer nas Escolas através da figura do professor bibliotecário. Essas ideias vão desde as prescrições elementares e simples, como seja a leitura de catálogos e da sinalética classificativa (por ex.CDU), dos livros e periódicos em livre acesso ou os passos certos de uma pesquisa em base de dados bibliográficas, até à estimulação de avaliação, escolha e uso crítico das fontes disponíveis"*.

A terminologia mais utilizada - Literacia informacional-, em língua portuguesa, e será aquela que deverá ser adotada se tivermos em conta todos os aspetos inerentes ao conceito, implicando desde as teorias de ensino/aprendizagem, geradas pelas ciências da educação, as questões cognitivas, apresentadas pela psicologia, as questões sociais apresentadas pela sociologia através do desenvolvimento sócio-cultural dos contextos, onde estas práticas estão inseridas. Perante esta situação se comprova a natureza transversal deste conceito.

Um outro termo, o primeiro a ser mais utilizado, devido às necessidades do próprio contexto, é o termo *Information Literacy* – esta terminologia anglo-saxónica tem sido a

mais divulgada, sobretudo por uma necessidade inerente à sua génese e desenvolvimento como conceito e desenvolvimento das práticas associadas.

Um terceiro termo, atualmente bastante utilizado, sobretudo pelo enorme contributo da comunidade de países de língua espanhola, quer na aplicação do conceito e prática, assim como no desenvolvimento de literatura científica sobre este tema é – *Alfabetización Informacional*.

Poderá parecer desnecessário fazer esta chamada de atenção sobre os aspetos da terminologia, mas este facto é fundamental, visto que sendo desenvolvidos em contextos diferentes, poderão trazer mais valias para a partilha de experiências e projetos internacionais - como já hoje acontece.

3.2 Reconhecimento Internacional

"Apesar do conceito de Literacia Informacional (LI) ter origem na década de 1970, o seu efetivo desenvolvimento está relacionado com a expansão das tecnologias da informação e a evolução da Era da Informação. (...) A LI é uma questão central para os governos e para as instituições profissionais, culturais, organizacionais e educacionais. Organizações como a UNESCO, a OCDE e a União Europeia, expressaram o seu interesse por este assunto." (Malheiro da Silva & Marcial, 2010).

Este excerto do artigo referenciado, serve de ponto de partida, para demonstrar e justificar a necessidade de reconhecimento deste conceito e das suas práticas a nível internacional, de forma a cumprir os objetivos traçados na sua implementação ao nível da pesquisa, seleção, utilização e reutilização na produção de conhecimento científico.

Em 1989 já a IFLA – *International Federation Library Association*, ou seja o órgão máximo internacional, ao nível das bibliotecas e do tratamento e acesso à informação, reconheceu o conceito definindo-o como: *"To be information literate, a person must be able to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate and use effectively the needed information"* (American Library Association, 1989). Recentemente criou, dentro da sua estrutura, um grupo de trabalho sobre *Information Literacy* (cf Imagem 3).

Imagem 3 - Grupo de Trabalho *Information Literacy*



Este Grupo de Trabalho, tal como se pode ver através das hiperligações do esquema, produz diretivas, organiza eventos e publica informação científica e legislativa sobre a Literacia da Informação.

Uma outra definição que vem complementar a elaborada pela IFLA, é a de dois autores que se debruçam sobre o estudo da Literacia da Informação e a sua importância nas questões do conhecimento científico, que é a seguinte: "*Information literacy is the adoption of appropriate information behaviour to identify, through whatever channel or medium, information well fitted to information needs, leading to wise and ethical use of information in society*" (Webber & Johnston, 2003).

As questões sobre a Literacia da Informação, através da própria mudança das necessidades dos seus utilizadores estão sempre a evoluir e quando definimos o conceito e apresentamos as suas práticas, existe algo que vai sendo posto em causa, acrescentando um novo dado em função do desenvolvimento das necessidades do próprio indivíduo mas também, com a mudança social, originada pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação ou melhor sobre a literacia digital.

Perante isto existe a noção, apoiada na teoria de Likert, sobre a sua teoria das atitudes, aplicada à literacia da informação por vários autores, que considera a literacia da informação mais do que um conceito, implica atitude, como? Porque tem que ter:

- componente cognitiva,
- componente afetiva
- componente comportamental

Estas componentes que compõem uma atitude, que neste caso é fundamental, por parte de todos o intervenientes no processo da Literacia da Informação, serão a

gênese das competências necessárias a determinadas tomadas de decisão em todo este processo. Tal como nos referem os autores (Malheiro da Silva,2010; Nicole Johnston,2010):

- Competências Informacionais;
- Competências Digitais;
- Autonomia;
- *Skills*.

Imagem 4 - Literacia da Informação vs Sujeito



O esquema (cf Imagem 4) acima representado tenta resumir e dar “pistas” necessárias ao desenvolvimento de módulos de formação (elementos práticos do conceito), para que os indivíduos desenvolvam as suas capacidades e atitudes ao nível da literacia da Informação.

Estar consciente, que este esquema, será sempre entendido como um instrumento metodológico, o qual terá que ser adaptado ao contexto e às características dos utilizadores, em função das metas traçadas, é o objetivo para o qual foi concebido.

Perante o que foi demonstrado até aqui, também temos que ter consciência que esta realidade é dinâmica, a produção e acesso á informação científica é maior e rápida,

tendo em conta a evolução dos meios ligados à literacia digital, o que faz com que o próprio conceito, práticas e atitudes, não sejam estanques, são geneticamente dinâmicas e devem ser sempre reativas e pró-ativas.

3.3 O Projeto ALFIN

Não queríamos terminar esta reflexão sem falar no projeto mais conhecido e reconhecido por instituições como a IFLA, a UNESCO, a OCDE, como sendo o exemplo de Boas práticas ou *Benchmarking* dentro da área da Literacia da Informação.

O Projeto ALFIN nasce nos países ibero-americanos, focados na experiência das práticas conhecida sobre literacia informacional no mundo anglo-saxónico. Sobretudo aquele que era conhecido dentro da *Information Literacy* nas Universidades norte-americanas.

Tendo os países ibero-americanos uma tradição de se associarem em projetos ligados às bibliotecas e à divulgação da informação, também em boa hora se associaram, nesta área da *Alfabetización Informacional* – ALFIN, [<http://alfiniberoamerica.blogspot.pt/>], deixando aqui definições e objetivos reconhecidos internacionalmente:

- *“abrange o conhecimento das próprias necessidades e problemas com a informação, e a capacidade para identificar, localizar, avaliar, organizar e criar, utilizar e comunicar com eficácia a informação para resolver problemas ou questões apresentadas”*. (Declaração de Praga, 2003).
- *“is the set of skills needed to find, retrieve, analyze, and use information (...) Ultimately, information literate people are those who have learned how to learn. They know how to learn because they know how knowledge is organized, how to find information, and how to use information in such a way that others can learn from them. They are people prepared for lifelong learning, because they can always find the information needed for any task or decision at hand”*.(American Library Association, Presidential Committee on Information Literacy, 2010).

Como o projeto funciona em comunidades em rede, a sua génese, organização e funcionamento, utiliza ,sempre as ferramentas da Web 2.0, tais como o blog, o site e as redes sociais - sobretudo o Facebook.

Este facto não é alheio aos objetivos a alcançar, bem como às características do público em questão. As notícias em relação aos outros contextos, são sempre divulgadas em qualquer dos blogues, ou página do Facebook, tornado cada vez mais fácil cumprir os objetivos gerais e específicos da Literacia da Informação, ficando mais fácil o acesso ao “estado da arte”.

Propomos aqui o olhar sobre o projeto da comunidade da Universidade de Salamanca [http://www.facebook.com/?ref=tn_tnmn#!/groups/347127501985354/], que tem tido nos últimos tempos um desenvolvimento bastante significativo, não só ao nível dos conteúdos, como também a utilização de ferramentas digitais no acesso a práticas ao nível da literacia da informação - tendo o governo espanhol criado um site sobre *Alfabetización Informacional* [<http://www.alfared.org/>].

O desenvolvimento de uma literacia digital interligada ao desenvolvimento da literacia informacional é visível neste projeto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literacia da Informação tem assim, e em última análise, implicações (*cf* Imagem 5) ao nível da Literacia Digital, da aprendizagem ao longo da vida e da inteligência coletiva, influenciando contextos e conteúdos e gerando energias e sinergia.

Imagem 5 - Implicações da Literacia da Informação



Literacia Digital e Literacia da Informação são indissociáveis e fulcrais numa sociedade digital globalizada.

REFERÊNCIAS

Castells, M. (2005). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Davies, A., Fidler, D. e Gorbis, M. (2011). *Future Work Skills 2020*. Institute for the Future for University of Phoenix Research Institute. Retirado de: <http://www.iftf.org/futureworkskills2020>

International Federation Library Association (2012). *About the Information Literacy Section*. Retirado de: <http://www.ifla.org/en/about-information-literacy>

Jones-Kavalier, B. & Flannigan, S. (2006). *Connecting the Digital Dots: Literacy of the 21st Century*. Retirado de:

<http://connect.educause.edu/Library/EDUCAUSE+Quarterly/ConnectingtheDigitalDotsL/39969>

Lévy, P. (1997). *Collective intelligence. Mankind's emerging world in cyberspace*. Massachusetts: Perseus Books.

McCormack, A. (2010). *The e-Skills Manifesto*. Belgium: European Schoolnet. ISBN: 9789490477301.

Martin, A e Ashworth, S. (2004) Welcome to the Journal of eLiteracy! *JeLit* 1(1).

O'Reilly, T. (2005). *What is Web 2.0?* Retirado de: <http://oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-Web-20.html>

Silva, A.M. & Marcial, V.F. (2010). Novos resultados e elementos para a análise e debate sobre a literacia da informação em Portugal. *Inf./Inf.*, Londrina,15(1),104-128.

Silva, A. M.; Fernández Marcial, V.; Martins, F.; Azevedo, J. M. P.; Padrão, M. H.; Pinto, M. M. G.A. (2008). Espaço europeu de ensino superior e a literacia informacional: conceitos e objectivos de um projecto de pesquisa aplicada em ciência da informação. *Páginas arquivos & bibliotecas*, Série 2, 103-123.

Surowiecki, J. (2005). *The Wisdom of Crowds*. Anchor Books.

Tapscott, D., e Williams, A. (2008) *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything*. USA: Penguin Group.

USNCLIS, NFIL, UNESCO - United States National Commission on Library, Information Science and the National Forum on Information Literacy (2003). Prague declaration: towards an information literate society. In *Information literacy meeting of experts*,

Praga.

Retirado

de:

<http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/postinfolitconf&meet/PragueDeclaration.pdf>

Webber, S. & Johnston, B. (2003). Information literacy in the United Kingdom: a critical review. In: Basili, C. (Ed) *Information Literacy in Europe*. Rome: Italian National Research Council. 258-283. Retirado de: <http://dis.shef.ac.uk/sheila/webber-johnston-uk.pdf>